

Duas fatias de torta

por Adão Aurélio

12

Ela disse que ia ao teatro, eu ouvi muito bem, ao teatro, provavelmente se encontrar com algum sujeito. Só pode ser isso. Quem ela pensa que é? Eu sou o marido, ela é minha esposa, eu mando, ela obedece. Teve a chance de não casar, não teve? Mas agora que casou que aguente, eu mando, ela obedece. Levo a faca só por precaução, e é uma faquinha pequena, quase não faz estrago, se eu fizer o negócio direito vai ser só uma dor aguda e um pouco de sangue, nada que deixe sequelas, mas a faca é só precaução.

Não sei o que ela vê nessa casa metida a besta. Esse lugar suntuoso cheio de cortinas e tetos altos. Vou lá só pra dar um susto, mas se pego ela com outro aí não sei o que faço, ela é minha esposa, pôde dizer não, não pôde? Agora é assim, eu mando, ela obedece.

Hoje vou ao teatro. Eu não sabia que existia um lugar assim, tão mágico! O Lemos nem lembra, ele não é homem de dizer que lembra desse tipo de coisa, de que foi aqui na escadaria da entrada que me viu pela primeira vez, tanto que nem lembra que hoje é o aniversário desse nosso primeiro encontro, mas é homem bom, que me dá liberdade, ou pelo menos que não me controla o tempo inteiro, é homem bom, mais do que eu podia imaginar encontrar assim que cheguei do interior. É homem bom, sim. E hoje vai ficar feliz quando eu comprar pra nós aquele mesmo pedaço de torta que dividimos ali no Café do Foyer do Teatro São Pedro. Mas dessa vez levo um pra cada, a vida tem sido generosa conosco.

Ela deve estar por aqui, ah se eu pego a Ruth sequer conversando com alguém! Ela acha que eu não sei, mas esse jeito misterioso dela sair de casa hoje de manhã, esse telefonema sussurrado onde ouvi o cochicho do encontro no teatro, isso tudo tem cheiro de traição. E ninguém apronta comigo, ainda mais a Ruth, que me deve, e deve muito. Só ela mesmo pra me fazer voltar naquele lugar, naquele lugar onde passei a humilhação de ter que dividir uma fatia de torta com ela, nem dinheiro pra duas eu tinha, queria esquecer aquele dia, aquela vergonha, espero que ela tenha esquecido, mas se ela se encontrar com outro em plena luz do dia e à vista de metade de Porto Alegre nada vai salvar aquela traidora. Tanto faz qual lembrança ela vai levar pro túmulo.

Pena só o Lemos ter esse jeito meio bruto que herdou do pai, bruto, mas inofensivo. Tirando aquela vez que tomou umas doses a mais nunca me fez mal, sempre me tratou com decência. E o melhor, quase nunca é ciumento, o que é grande coisa pra mim que adoro conversar e bater papo com quem aparecer no caminho. E a cara feia dele é só emburramento de bronco mesmo, mas inofensivo, eu acho, quase sempre. Achei ele meio emburrado quando liguei pra

cafeteria pra ter certeza que eles iriam ter a torta hoje. Mas é só cara feia, penso eu, não é de coração. Gosto dele assim mesmo, só queria que a gente se comunicasse um pouco melhor, sabe como é, falar mais do que tá pensando, nem falo de sentimento, porque disso sei que o Lemos não fala mesmo, mas conversar um pouco mais, bem que faria diferença no nosso casamento.

Lá está aquela traidorazinha sem-vergonha, rindo com o amante, rindo de mim, com certeza, com um riso que já não vejo há anos, logo de mim que tanto fiz por ela, que casei com ela mesmo sabendo que era essa mambira do interior deslumbrada com a capital. E agora ela marca encontro no teatro? Como se quisesse jogar na minha cara que casou com um ignorante subempregado que nem pagar uma fatia de torta inteira é capaz. Ah, mas eu pego ela, pego ela e aí ela vai ver essa faquinha de perto, e vai ficar sangrando aí na escada que nem a porca que é.

Sai tão depressa preocupada em fazer essa surpresa pro Lemos que nem percebi o pouco dinheiro que tinha na carteira, abençoada a tecnologia que nos permite pedir socorro pelo celular com meia dúzia de toques. Uma passagem de ônibus e duas fatias de torta e se foi o dinheiro embora, mas o Marquinhos logo vem me pegar de carro, o sobrinho preferido do Lemos acabou de ganhar um carro do meu cunhado, usado e popular, mas novinho e eu sabia que ele não ia me deixar na mão. Olha só lá o menino radiante com o carro novo. Desce, rapaz! Tira uma foto minha aqui na escadaria. Teu tio vai ficar feliz de me ver dez anos depois exatamente no mesmo lugar em que me conheceu!

Olha, eu não tava bem prestando atenção, só vi assim meio de relance. Depois do primeiro grito é que tudo parou mesmo e ninguém teve coragem nem de respirar. A moça ali tava conversando com o rapaz, pelo que vi, e esse outro sujeito nem deu tempo dela se virar e enfiou alguma coisa nas costas da pobre e a moça desabou no chão. Só quando o homem olhou bem pro rosto do rapaz e pra moça amassando o que parecia ser um pedaço de torta com o corpo já quase sem vida desabando no chão é que trocou o sorriso por aquele esgar terrível que eu espero nunca mais ver em outra pessoa. Por isso que eu digo que o motorista do táxi não teve culpa nenhuma quando atropelou o homem, ele tava sofrendo mesmo, parecia um cachorro enxotado, sabe, saiu assim correndo como quem quer sumir ou fugir de si mesmo e foi logo pro meio da rua. Mas o menino ali que falava com a moça talvez possa explicar tudo melhor, com mais coerência, assim que ele parar de chorar. Coitado desse rapaz. Uma imagem dessas demora na vida da gente.